

BC ignora pressa de governo e empresários e não sinaliza queda de juros

Política monetária Sem mudança

BC mantém juros em 13,75% e não indica redução em agosto

— Copom volta a pregar ‘cautela e serenidade’ contra inflação; governo fala em ‘guerra declarada’

BRASILIA

Apesar da renovada ofensiva do governo e de empresários em defesa da queda de juros, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central anunciou ontem a manutenção da Selic em 13,75% ao ano pela sétima vez seguida — ou mais de dez meses.

A decisão, que mantém a taxa básica de juros no maior patamar desde janeiro de 2017, já era amplamente aguardada pelo mercado financeiro. Mas contrariando novamente o governo e, desta vez, até mesmo uma boa parte do mercado, o Copom não trouxe no comunicado divulgado após a reunião nenhuma sinalização de corte da Selic no seu próximo encontro — agendado para agosto. Em vez disso, o colegiado voltou a pregar “cautela e serenidade” no combate à inflação.

“O comitê avalia que a conjuntura demanda paciência e serenidade na condução da política monetária e relembra que os passos futuros dependerão da evolução da dinâmica inflacionária”

Trecho do comunicado

“O comitê avalia que a conjuntura demanda paciência e serenidade na condução da política monetária e relembra que os passos futuros da política monetária dependerão da evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação, em particular as de maior prazo, de suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos”, disse o colegiado.

Para integrantes do governo ouvidos pelo **Estadão**, a decisão de não sinalizar o corte da Selic mostraria um “descolamento” do presidente do Banco

Central, Roberto Campos Neto, e da diretoria da instituição com a melhoria do cenário econômico e com o esforço do governo e do Congresso para aprovar o projeto do novo marco fiscal — um ponto que sempre pesou nas avaliações do BC. Nesse sentido, segundo eles, a decisão do Copom foi recebida com “incrédulidade” e “indignação”.

Como mostrou o **Estadão**, no governo havia uma cobrança para que o BC abrisse a porta para a queda de juros na reunião de agosto. Caso isso não acontecesse, a expectativa era de aumento da pressão daqui para frente sobre Campos Neto com uma “guerra declarada”.

A Selic serve de referência para as demais taxas de juros no mercado, e seu peso pode ter influência, por exemplo, na decisão de empresários de colocar a mão no bolso ou engavetar projetos de novos investimentos. Não é por outra razão que existe forte pressão do governo para que o BC — que, por lei, tem autonomia de atuação — corte os juros, o que já rendeu duras críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Campos Neto, cujo mandato vai até o fim de 2024.

CENÁRIO. O que sustentava a expectativa de mudança da política monetária era a queda da inflação nos últimos meses — o IPCA de maio ficou em 0,23%, e as projeções apontam para a possibilidade de uma deflação neste mês, ainda que o resultado no fechamento do ano continue acima da meta — e a esperada aprovação no Congresso do novo arcabouço fiscal, que terá de voltar para a Câmara depois de sofrer ontem mudanças no Senado (*mais informações na pág. B4*). Também a reforma tributária parece ter ganhado tração no Congresso, apesar da resistência de alguns setores.

Uma das mudanças feitas no comunicado foi a retirada de trecho sobre a possibilidade de “retomar ciclo de ajuste”. Mas na opinião da economista-chefe da CM Capital, Carla Argenta, isso não traz sinalização sobre a evo-

lução futura do juro e, muito menos, sobre uma eventual queda na próxima reunião. “Isso, que era esperado pelo mercado, não aconteceu.”

Durante a votação do arcabouço no Senado, parlamentares chegaram a reclamar dos efeitos da Selic sobre o PIB. O líder do PSD no Senado, Otto Alencar (PSD-BA), citou reportagem do **Estadão** que mostrou a redução das compras pelo varejo em ra-



zão dos juros altos. “Em momento nenhum Lula ou nenhum de nós falou em retirar o presidente do BC. O que nós temos debatido é que o BC tem uma posição conservadora na manutenção

dos juros.”

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS EFEITOS DA DECISÃO DO COPOM NAS PÁGS. B2 e B3

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1